

O OLHAR DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO PARA A LITERATURA DE CORDEL

Cláudia Zilmar da Silva Conceição¹

Orientadora: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

Resumo: Este estudo tem o intuito de analisar, sob a perspectiva crítico-cultural, o tratamento dado pelo professor de Língua Portuguesa aos textos da literatura de Cordel trabalhados em sala de aula no Ensino Médio. Para isso, trazemos os estudos feitos por Gonçalves (2007), ao pontuar o cordel como híbrido, cosmopolita e contemporâneo; Soares (2003) e Street (2014), na discussão sobre Letramento e escolarização; Paulo Freire (2005) e Carlo Ginzburg (1987), para discutirmos a cultura enquanto circular, porque partilha em si, uma rede de relações entre cultura erudita e cultura popular. O presente trabalho será desenvolvido através de uma pesquisa em livros do ensino médio com a finalidade de trazer à tona quais os livros abordam o Cordel ou não, e, se abordam, de que forma é colocado. Com isto, espera-se trazer à tona como o Cordel é visto nas escolas, e se é utilizado como forma de acesso à escrita, bem como suas formas de circulação cultural.

Palavras-chave: Circulação. Cultural. Cordel. Letramento.

INTRODUÇÃO

A missão do Professor de Português ainda se entende como a de apresentar ao aluno a formalidade da nossa língua. A pretendida “elegância” e “obediência” ao padrão culto ainda é perseguida e “ensinada” nas escolas, fazendo com que outras formas de expressão escrita não circulem nas salas de aula, o que impede de mostrar que o Brasil é tão rico em suas manifestações linguísticas e que a gramática não tem o poder, nem o desejo de abarcá-las.

Na esteira destas várias manifestações, está uma Literatura pouco explorada no âmbito escolar: o Cordel, como exemplo de poesia popular impressa. Algumas suposições para que esta exploração não ocorra poderiam ser aqui elencadas, mas, por hora, destaca-se o fato de a linguagem apresentada neste tipo de texto não ser o que, hegemonicamente, se chamaria de “linguagem de prestígio”, acrescentando também o fato de ser escrito de forma oralizada por uma minoria considerada como de margem: o sertanejo nordestino.

De acordo com Luyten (2007), foi na Europa Medieval, nos três famosos pontos de peregrinação: Roma, Santa Sé e Jerusalém, a Terra Santa, que começa a literatura popular, onde se concentravam poetas nômades, agindo como jornalistas, ao contar novidades, aventuras e bravuras por meio de seus poemas; textos onde se confundiam as marcas do oral e do escrito. Vale dizer que estes poetas, por tratarem de assuntos do seu meio, por sinal, desprestigiado por uma elite

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: cauzilmar@gmail.com

dominante, nem sempre tiveram sua autoria reconhecida oficialmente, nem foram, por muito tempo, objeto de estudo de professores, em sala, nas aulas de Língua Portuguesa.

É com esta inquietação que se pretende encampar um trabalho de pesquisa com o intuito de analisar, sob a perspectiva crítico-cultural, o tratamento dado pelo professor de Língua Portuguesa aos textos oriundos da Literatura de Cordel, no Ensino Médio, pois é neste período em que se inicia o estudo da Literatura, de maneira sistemática, incluindo aí a análise de poesias trovadorescas, momento interessante em que poderiam ser inseridas as poesias de cordel, uma vez que estas se assemelham no sentido de primarem pela marca do oralismo na escrita e pelo tom melódico.

Uma investigação, nesta perspectiva, caberia no sentido de verificar quais são as concepções do Professor ao selecionar textos para trabalhar em sala de aula, quais são os seus critérios e que modalidades linguísticas, geralmente, ele põe em evidência, principalmente em escolas situadas na região nordeste, melhor dizendo no sertão nordestino.

Desta maneira, este estudo se justifica por colocar em relevo qual a força ideológica da prática pedagógica do professor de língua portuguesa, e se este atua como forma de silenciamento e de segregação cultural ou como forma de libertação e promoção da pluralidade sociolinguística, bem como se a formação deste profissional tem contribuído como máquina de reprodução do pensamento hegemônico via palavra do professor. Reflete-se também sobre possíveis formas de descentramento de lugares de fala podem ser acionadas, a fim de que o estudo da língua portuguesa nas escolas contemple também as representações socioculturais das minorias.

Neste sentido, a discussão, a partir deste trabalho de pesquisa, pretende perpassar pelas práticas de letramento literário adotadas pelo Professor de Língua Portuguesa e as suas concepções acerca disto, bem como permear as questões de identidade(s) imbricadas nos textos de cordel. Nesta direção, discutir-se-á a formação do Professor de Português no contexto atual e se esta traz uma reprodução do discurso hegemônico, subliminarmente (ou não). Importa dizer também que se pretende analisar se o material didático adotado por este profissional contempla, entre outros gêneros textuais, a poesia de Cordel, dando sinais de circularidade entre o erudito e o popular que, corroborando com Ginzburg (2001, p. 23), quando declara que: “essa circularidade emerge de uma maneira que não me parece ter sido notada”. Mas, para que isto aconteça, é necessário que haja essa provocação, e o trabalho do Professor de Língua Portuguesa em sala de aula é peça chave para propiciar o olhar para os textos de forma multifacetada.

CORDEL EM SALA DE AULA, PORQUE NÃO?

Inicialmente partimos do ponto que a “leitura de Literatura tem-se se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar”, como percebeu Regina Zilberman (apud. Orientações Curriculares Nacionais, 2006, p. 55), pois, na aula de Língua Portuguesa, o foco é apenas resumos, compilações que levem o aluno a adquirir algum conhecimento mínimo para fazer o ENEM, e o que ocorre muitas vezes é que esquecemos de levar nosso aluno a um letramento literário tão importante nessa fase da vida que é a adolescência, como pontua o próprio documento das Orientações Curriculares nacionais. Esse “letramento literário [concebido] como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o”. (Orientações Curriculares Nacionais, 2006, p. 55).

Diante do apontamento feito neste texto acerca da principal inquietação que motivou o desejo por pesquisar a temática em questão, é pertinente apresentar quais são as questões que devem nortear este trabalho de pesquisa que culminará na dissertação final, dentre elas, podem ser citadas: qual a perspectiva do professor de língua portuguesa frente aos textos da Literatura de Cordel trabalhados em sala de aula no Ensino Médio? O que caracteriza o Cordel como literatura popular? Em sala de aula, em escolas nordestinas, porque gêneros textuais advindos deste meio não estão presentes nas aulas de Português? Que forças maquímicas do poder hegemônico impedem e/ou excluem que nos espaços de ensino-aprendizagem outras vozes não sejam visibilizadas em outras modalidades de textos que não os canônicos sejam explorados?

Para pensar estas questões e buscar possibilidades de “respostas”, este estudo vai se incumbir antes de investigar o que é de fato a Literatura de Cordel. Para tanto, buscará apoio em Proença (1977) para discutir a ideologia embutida no Cordel. A este respeito o autor vai dizer que na não-ideologia que envolve os textos de Literatura de Cordel, é que emerge exatamente aí a sua ideologia. Proença (1977) chama isto de “ideologias internas” que não estão ausentes, mas subjacentes nas temáticas aparentemente despreziosas nas narrativas fantásticas e pitorescas. Assim a autora ainda afirma que:

O cordel compõe, enquanto epifenômeno, um quadro histórico-cultural mais global, e sua caracterização é ponto inicial para leituras ditas científicas. Deve ser visto em seu contexto, através da tensão, relacionamento íntimo, que existe entre criadores/meio ambiente (PROENÇA, 1977, p. 57).

Porém, nem sempre é com este olhar que o Cordel é visto, principalmente, no meio educacional, em especial, direcionando-se a este estudo, no Ensino Médio. Há um “nariz torcido” ou “portas fechadas” a este tipo de gênero, pois os preconceitos afastam o cordel da elite intelectual, dos cursos de Letras, muitas vezes.

Cabe definir, portanto, o que é esta Literatura e o que a faz ser considerada como popular, e qual é o espaço que hoje ela tem no processo de letramento literário. Consoante os esclarecimentos de Haurélio (2010, p. 13), em seu livro *Breve História da Literatura de Cordel*, esta tem uma origem a se considerar:

Advinda da Península Ibérica, cuja exposição em cordas nas feiras deu origem ao seu nome atual, a Literatura de Cordel chegou ao nosso país trazida pelas caravelas portuguesas, contudo, foi somente no final do século XIX que, de fato, surgiu a Literatura de Cordel Brasileira, fruto da confluência para a cidade do Recife, de quatro poetas nascidos na Paraíba. Silvino Pirauá de Lima, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde.

Deste modo, a literatura de cordel configura-se como um gênero literário escrito para o povo e que, por muito tempo, serviu para disseminar a informação que algumas vezes era mais rápida que o jornal. Originado de relatos orais e depois evoluindo para folhetos impressos, eram pendurados em barbantes (cordéis), com o intuito também de apresentar o dia a dia das pessoas. Por funcionar como divulgadora da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais, a literatura de cordel destaca-se como reveladora das identidades locais e das tradições literárias regionais.

Alguns professores revelam que trabalham em sala de aula com textos da Literatura de Cordel, embora o façam com o olhar de folclorização da figura do sertanejo nordestino. Percebe-se que, além desta ação, encontram-se poucos estudos sobre a importância do Cordel, do ponto de vista crítico-cultural.

Acredita-se que este seja um dos motivos pelos quais a Literatura de Cordel sofra preconceito: é um fazer poético produzido pelo povo, destacando a divergência entre “cultura intelectual” e “cultura do povo”, uma vez que, conforme Gonçalves (2007, p. 2): “O Cordel encarna um ‘estilo nordestino’ de reflexão sobre o mundo, ou mesmo de criação de um mundo que quer ser ‘essencialmente’ nordestino”.

Diante disto, cabe pensar se o trabalho do Professor de Língua Portuguesa em sala reproduz (ou não) o discurso hegemônico ao utilizar apenas aqueles que se destacam por apresentar uma escrita dominante, do ponto de vista eurocêntrico. Assim, será possível pensar uma outra prática pedagógica para além dos ditames e dos encarceramentos impostos por quem ainda acredita que uma cultura se sobrepõe a outra e não considera que antes, porém, elas se circularizam, inter-relacionam-se e se conectam entre si.

Desta forma, um estudo como este porá em reflexão a prática crítico- pedagógica do Professor de Língua Portuguesa e a potência da Literatura de Cordel como reveladora de outros atores sociais que, em todos os âmbitos e, principalmente, em sala de aula, por ser um espaço de discussão e aprendizado, precisam ser visibilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a partir do momento que as diversas culturas começam adentrar os meios universitários, começam a serem discutidas, é o momento então de levar para o ensino básico também. Cevasco (2008) afirma que “nesse momento, a Cultura, com letra maiúscula é substituída por culturas no plural”. O surgimento dos Estudos Culturais possibilitou a reformulação do conceito de cultura, posicionando-se contra o elitismo e conservadorismo da direita, assim como contra o dogmatismo e, contra o logocentrismo, passando a valorizar as práticas culturais da subalternidade.

Diante de todos os fatos elencados chegamos a conclusão que o Cordel foi muito negligenciado ao longo dos anos por trazer marcas muito fortes da oralidade, e por ser uma literatura feita pelo povo para o povo. Assim, o Cordel e as narrativas orais precisam serem ouvidas agora na contemporaneidade, a fim de entendermos melhor a história do povo.

Por esse motivo, torna-se pertinente levar o Cordel para sala de aula do Ensino Médio para propiciar a valorização da cultura local, o reconhecimento dos alunos enquanto pertencentes a uma cultura, e que existem outras, que também podem ser objeto de estudo.

A partir disto, pode-se discutir letramento e oralidade e a relação entre ambos, sem privilegiar ou subestimar uma ou algumas facetas do oral e do escrito, o que seria um descaminho num ensino que se pretende instigar o olhar crítico do nosso aluno para outras realidades.

REFERÊNCIAS

- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: 1987.
- GONÇALVES, Marco Antônio. *Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita. Textos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 2007. Disponível em: < <http://www.tecap.uerj.br/pdf/v4/goncalves.pdf>>. Acesso: 02 de Ago. 2012.
- HAURÉLIO, Marco. *Breve História da Literatura de Cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.
- LUYTEN, Joseph Maria. *O que é Literatura de Cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- PROENÇA, Ivan Cavalcante. *A Ideologia do Cordel*. Rio de Janeiro: Ed.Brasília, 1977.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. 8. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

